

A economia no espelho da política

Rogério L. Furquim Werneck*

Qualquer leitor mais cuidadoso dos jornais das últimas semanas, que tenha tentado acompanhar o que vem ocorrendo no País, terá notado contraste marcante entre notícias cada vez mais preocupantes na área política e cada vez mais alvissareiras na área econômica. Tanto o governo como a oposição têm mostrado grande dificuldade para processar o turbilhão que vem sendo formado no noticiário nacional por esse entrechoque de informações.

As dificuldades do lado do governo vêm aflorando de forma clara no debate ensejado pelas eleições internas do PT. Em meio ao sufoco da crise política, petistas alçados a posições proeminentes no partido se mostram completamente incapazes de reconhecer o alcance dos bons resultados que vêm sendo colhidos pela política econômica do governo. Em artigo publicado na *Folha de S.Paulo* na semana passada, Tarso Genro, presidente interino do PT, confessa-se assustado com o “realismo” (assim mesmo, entre aspas) que o governo soube mostrar na área econômica e atormentado com o espectro do petista convertido em tucano “malanizado e econometrizado”.

Já Ricardo Berzoini, candidato do Campo Majoritário à presidência do PT, não deixou margem a dúvidas acerca da extensão das dificuldades que vem enfrentando para entender a importância dos resultados obtidos pelo governo na área econômica. Em resposta ao ministro Paulo Bernardo -- que havia afirmado há poucos dias que petistas que criticavam a política do governo só podiam estar de miolo mole --, retrucou que preferia “ter miolo mole a essa visão social endurecida pela tecnocracia”. Tendo sido ministro da Previdência e do Trabalho, Berzoini ainda não conseguiu perceber que nada beneficia tanto as classes menos favorecidas do que crescimento econômico com inflação baixa.

Mas a dificuldade de discernir diferenças entre o quadro econômico e o quadro político do País não está circunscrita ao PT e ao governo. Pode ser observada também do lado da oposição, especialmente entre as legiões tucanas que, a menos de sete meses da convenção do PSDB, já não têm como disfarçar o clima de mobilização eleitoral que vêm vivendo. Das forças que tentam avançar com mais rapidez desse lado, as primeiras fanfarras que já se ouvem prenunciam táticas pouco promissoras.

A idéia de desfraldar a bandeira da “reconstrução da política econômica” parece no mínimo impensada. A palavra reconstrução pressupõe que não há muito a salvar na política econômica do atual governo. É bem verdade que há pouco mais de um ano ainda havia entre os tucanos quem se dispusesse a vaticinar que a política do dr.

Palocci estava conduzindo o País ao desastre. Mas a esta altura do jogo já ficou mais do que claro que tais vaticínios se baseavam em argumentos com data de validade vencida. A tentativa de arrastar a política econômica em vigor para a vala comum do gigantesco desastre político engendrado pelo governo Lula pode parecer esperta, mas está fadada ao insucesso.

Quem quer que afinal seja ungido para defender as cores tucanas na eleição presidencial deve estar preparado para enfrentar um candidato governista com muito a mostrar na área econômica. Se a crise política permitir e nenhum Katrina atrapalhar, o governo pode terminar o mandato ostentando três anos de crescimento a uma taxa média de mais de 4% ao ano, inflação baixa, salário real em alta e emprego em expansão. Vai ser difícil convencer o eleitorado que tudo isso adveio de política econômica desastrosa que precisa ser reconstruída.

Não falta o que criticar no governo Lula. Os tucanos não podem se queixar. Há alvos de sobra. A menos de disputas passadas mal resolvidas e visões equivocadas muito arraigadas, não há nada que a esta altura ainda possa explicar a compulsão de certos segmentos do PSDB de concentrar a artilharia na política macroeconômica do governo, tentando desqualificar um sucesso que, em boa parte, pode ser atribuído ao governo anterior. Salta aos olhos que, se tivessem juízo, os tucanos deveriam estar argüindo que a política econômica de Lula apenas deu continuidade à política adotada no segundo mandato de FHC. E que é por isso que pôde obter tanto sucesso. Mas a verdade é que nem todos os pré-candidatos tucanos se sentem à vontade para defender tal argumento de forma convincente.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.